

# REVOLUÇÃO E CENSURA: NOTAS DE UM JORNALISTA NORTE-AMERICANO EM *O SENHOR EMBAIXADOR*

Márcio Miranda Alves\*

## Resumo

Este artigo analisa a representação ficcional das práticas políticas na América Latina no romance *O senhor embaixador*, de Erico Veríssimo. A partir das ações e reflexões do personagem-jornalista William B. Godkin, procuro entender como a narrativa trata de temas como revolução e censura num ambiente de ódio e vingança.

## Palavras-chave

Censura; Erico Veríssimo; *O senhor embaixador*; Política; Revolução; Romance.

## Abstract

This article examines the fictional representation of political practices in Latin America in the novel *O senhor embaixador*, by Erico Veríssimo. From the actions and thoughts of journalist-character William B. Godkin, I try to understand how the narrative deals with issues like censorship and revolution in a land full of hate and revenge.

## Keywords

Censorship; Erico Veríssimo; Novel; *O senhor embaixador*; Politics; Revolution.

---

\* Doutor em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo – USP – São Paulo – Brasil. Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Caxias do Sul – UCS – Caxias do Sul – Brasil. Bolsista Capes. E-mail: mirandaalvesm@gmail.com

Foi com a intenção de representar a estrutura política, econômica e social das repúblicas da América Central e do Sul e suas relações com os Estados Unidos que Erico Verissimo iniciou, em 1963, o projeto de escrita do romance *O senhor embaixador*, publicado dois anos mais tarde. O surgimento da ideia e a caracterização de alguns personagens estão relatados em seu livro de memórias *Solo de Clarineta II*, que traz, entre outros detalhes, a nota de que o autor queria, de fato, mexer com um problema que sempre o afligira: a participação do intelectual na política militante, especificamente numa revolução de caráter violento. Para tal, Erico Verissimo criou um país imaginário localizado numa ilha na região do Caribe – a República do Sacramento –, onde ocorre um golpe militar seguido de uma revolução armada.

A ação da narrativa transcorre em Washington nas três primeiras partes e na ilha fictícia na última e quarta parte. No centro da trama estão o embaixador do Sacramento, Gabriel Heliodoro Alvarado, e o primeiro-secretário, Pablo Ortega. O protagonismo do romance, no entanto, fica com o jornalista norte-americano William B. Godkin, que aparece como um elemento-chave na composição da obra. Correspondente da agência internacional de notícias *Amalgamated Press* e especialista em assuntos latino-americanos, Godkin tem a missão de registrar os bastidores de uma revolução armada e narrar aos leitores de vários jornais a sua versão dos fatos.

A escolha de um jornalista como fio condutor da narrativa não chega a ser uma novidade na obra de Erico Verissimo e certamente tem a ver com a crescente influência da comunicação de massa à época. Personagens de redação de jornal, mesmo que secundários, já aparecem em *O resto é silêncio*, de 1943, e principalmente na trilogia *O tempo e o vento*, publicada entre 1949 e 1962. Nesta, personagens como Licurgo e Rodrigo Cambará usam a imprensa exclusivamente como uma ferramenta de doutrinação, numa fase ainda prematura da desejada objetividade jornalística. Esse apreço do escritor pela caracterização de jornalistas, incluindo a presença quase obrigatória de jornais – reais ou fictícios –, certamente tem a ver com a sua experiência pessoal à frente da *Revista do Globo* e também como leitor que desde cedo viveu cercado de revistas e periódicos<sup>1</sup>. Indica, ainda, que no entendimento do escritor, o texto jornalístico contribui de forma decisiva para o direcionamento dos eventos históricos.

Em *O senhor embaixador*, a “verdade” imediata sobre os episódios ocorridos na ação sai da máquina de escrever do repórter diretamente para as páginas dos jornais. É a partir das anotações de um cidadão dos Estados Unidos, nação que influencia os rumos políticos e econômicos dos irmãos pobres da América Latina, que ocorre a legitimação ou não dos atos cometidos no Sacramento. Desta forma, a postura pessoal e profissional do jornalista está no centro da representação histórica de *O senhor embaixador* e merece uma análise mais profunda.

A ação do romance começa em abril de 1959. Bill Godkin é um jornalista de fim de carreira, que completa 35 anos de serviços prestados à mesma agência e vive uma fase de desencanto em relação ao jornalismo e aos rumos da sociedade como um todo. Ele está mais interessado em contemplar as cerejeiras floridas de Washington do que em interpretar os destinos da humanidade. Parte dessa desolação vem da morte recente da mulher, Ruth, cujas imagem e voz são fantasmas recorrentes nos momentos de introspecção.

Logo na abertura da narrativa, o jornalista participa de um almoço oferecido pelos companheiros de trabalho em homenagem aos seus 35 anos de dedicação à empresa. Durante um pequeno discurso, ele apresenta um breve balanço de

---

<sup>1</sup> Relatos sobre esse período da vida de Erico Verissimo encontram-se no primeiro volume do seu livro de memórias, *Solo de Clarineta* (1995).

sua carreira profissional, critica o modelo jornalístico vigente e lança aos ouvintes alguns questionamentos que vão pautar toda a narrativa de *O senhor embaixador*.

Isso que chamamos de *fato* não será uma espécie de *iceberg*, quero dizer, uma coisa cuja parte visível corresponde apenas a um décimo de seu todo? Porque a parte invisível do *fato* está submersa nas águas dum torvo oceano de interesses políticos e econômicos, egoísmos e apetites nacionais e individuais, isso para não falar nos outros motivos e mistérios da natureza humana, mais profundos que os do mar. (VERISSIMO, 1997, p. 04).

Ele prossegue:

Quem é que sabe hoje com certeza absoluta o sentido de palavras que usamos com tão leviana frequência como *liberdade, paz, direito e justiça*? Quanto ao Palavrão, *verdade*... que bicho é esse? Quantas verdades existem no mundo de nossos dias? Conheço tantas... A da Casa Branca. A do Kremlin. A do Vaticano. A da Wall Street. A da Broadway. A da United States Steel Corporation. A da A.F.L. Sim, e convém não esquecer a da Madison Avenue, talvez a mais fantástica de todas. (VERISSIMO, 1997, p. 04).

William B. Godkin começa a sua carreira de correspondente internacional com a escrita de uma dissertação sobre as práticas políticas na América Latina, intitulada *Radiografia das ditaduras latino-americanas*. O sucesso do estudo o leva a trabalhar na *Amalgamated Press* e, em seguida, é enviado para uma “republiqueta” da América Central onde se esperavam problemas às vésperas de uma eleição presidencial. Nesta ocasião, não houve nada de especial, uma eleição sem revolução, mas logo surgiria para o jornalista uma grande oportunidade de escrever a história.

Na República do Sacramento, onde Don Antonio Maria Chamorro (“El Chacal del Caribe”, como era chamado) exercia uma ditadura há quase 25 anos, o tenente Juventino Carrera revoltou um batalhão do Exército e refugiou-se com seus soldados nas montanhas, de onde deu início a uma guerrilha contra os federais. O repórter decidiu realizar uma entrevista pessoal com Carrera, em seu reduto rebelde, mesmo sem o entusiasmo do chefe de redação e do embaixador americano. Apesar de o Sacramento ser um país sem importância e de Chamorro estar bem estabelecido no poder, apoiado pela Igreja e por grandes empresas norte-americanas, a empreitada valia a pena, pois Godkin “simpatizava com a causa dos rebeldes” (VERISSIMO, 1997, p. 15).

De volta a Washington, o jornalista escreve uma série de artigos favoráveis aos revolucionários e contrários à ditadura de Chamorro. As reportagens ajudam a causa rebelde e, no ano seguinte, Juventino Carrera derruba o ditador e acaba sendo eleito presidente da República. Godkin é convidado para a cerimônia de posse e presenteado com uma entrevista exclusiva. Passa então a ser considerado um especialista em temas latino-americanos, e é promovido a correspondente itinerante.

Com a promoção, o jornalista norte-americano tem a oportunidade de ouvir e dar voz a grandes personalidades da política latino-americana. Entrevista Getúlio Vargas quando este assume o poder, em 1930, e Augusto Cesar Sandino, na Nicarágua, poucas semanas antes de o assassinarem. Também é enviado à Argentina logo após o governo de Castillo ser deposto por um golpe militar. Nesta ocasião, o repórter denunciou a ligação dos revolucionários com os nazistas, o que lhe rendeu um ataque de dois desconhecidos, vários ossos quebrados e a expulsão do país. Antes da Argentina, porém, Godkin presencia a guerra entre Bolívia e Paraguai pelo controle territorial da região de Chaco

Boreal, conflito no qual o jornalista pôde comprovar a participação direta dos Estados Unidos e a posição da imprensa norte-americana no conflito<sup>2</sup>.

Em relação ao caso do Sacramento, a posição do jornalista, que se considera um cidadão liberal, é de arrependimento por ter apoiado a revolução de Juventino Carrera no passado. Este sentimento o inquieta porque Carrera “seguiu a regra geral latino-americana. Derrubou o tirano e acabou tornando-se também um tirano” (VERISSIMO, 1997, p. 19). Em outras palavras, Carrera implantou um regime de censura e perseguições, não diferente de seu antecessor.

O braço direito de Carrera, Gabriel Heliodoro Alvarado, um dos líderes na revolta em 1925, acaba de assumir a embaixada do Sacramento em Washington e uma das cadeiras da Organização dos Estados Americanos (OEA). A principal missão de Alvarado é usar a sua habilidade e simpatia para arrancar um empréstimo financeiro junto ao tesouro norte-americano. O dinheiro seria aplicado numa mega-obra rodoviária na ilha, projetada para aumentar o apoio popular a Carrera e convencer a Câmara dos Deputados a aprovar uma emenda constitucional que permitiria a sua reeleição. Com a resistência do poder legislativo, aumenta o risco de o presidente arquitetar um golpe militar para permanecer no poder. No entanto, o embaixador não consegue o dinheiro e, quando estoura a rebelião no país, o governo norte-americano permanece neutro no conflito e se recusa a atender aos pedidos de auxílio de Heliodoro.

Apesar de haver muitas semelhanças entre a história da fictícia Sacramento e Cuba, Erico Verissimo trata de afastar a possibilidade de uma paródia direta à ilha. Para conseguir isso, o narrador faz referências ao país controlado por Fidel Castro durante a narrativa. Numa delas, o jornalista se pergunta o que estaria acontecendo em Cuba no momento em que continuavam os fuzilamentos dos partidários de Fulgencio Batista e o governo revolucionário ensaiava a nacionalização de empresas norte-americanas.

Como se portaria diante desses fatos o governo dos Estados Unidos? Bill sabia que eventualmente um que outro congressista do país invocaria os direitos humanos, faria um discurso no Capitólio, protestando contra os fuzilamentos em Havana, mas os Pais da Pátria só ficariam mesmo indignados, ameaçando o céu e a terra, quando Fidel Castro começasse a confiscar os bens de cidadãos norte-americanos. [...] lembrou-se de que Maquiavel aconselhara ao Príncipe que mandasse assassinar seus súditos, quando necessário, mas que evitasse tocar em suas propriedades, porque um homem com mais facilidade esquece a morte do pai do que a perda de seu patrimônio. (VERISSIMO, 1997, p. 08).

No entanto, as evidências dessa relação Sacramento/Cuba são visíveis na representação histórica do romance<sup>3</sup>. Coincidência ou não, o ano em que transcorre a ação da ficção coincide com o ano de início da Revolução Cubana. Outro aspecto a se considerar é que, na ficção, o governo norte-americano não interfere na crise política instalada. Sobre a interferência dos Estados Unidos na

---

<sup>2</sup> A inclusão de eventos e pessoas da realidade na narrativa ficcional de Erico Verissimo não é uma exclusividade desse romance. Ao contrário, consiste numa técnica recorrente do escritor amarrar situações e personagens reais da história à fábula romanesca, o que confere um efeito de veracidade à ficção. Pode-se constatar esse recurso em romances como *O tempo e o vento* e *Incidente em Antares*. Pesavento já observou que Erico Verissimo faz uso de marcas da historicidade explícitas e implícitas, mesclando personagens históricas com fictícias, e procura uma datação precisa no desenrolar da trama ao longo do tempo. “Este recurso é de tal forma perfeito que funciona quase que como uma nota de rodapé ou citação do texto histórico: recurso de autoridade e erudição, o autor como que desafia o leitor a refazer o seu caminho de pesquisa nos arquivos para certificar-se a concordar com ele. Nesta medida, o texto tem um sabor de real, e as situações e personagens foro de veracidade” (PESAVENTO, 2005, p. 05).

<sup>3</sup> Em carta enviada a Daniel Fresnot, em 1975, Erico Verissimo escreveu: “O livro comportaria uma continuação à luz dos acontecimentos destes últimos cinco ou dez anos. Claro que muitos governos da América Latina têm a bênção do Irmão Maior... No caso de Sacramento era possível que se passasse o que se passou em Cuba. Julguei que isso tivesse ficado *quase* claro no romance” (FRESNOT, 1977, p. 55).

política dos países latino-americanos, Ianni (1976, p. 83-84) lembra que os desdobramentos dessas relações estão sempre ligados a fatos concretos, como o nacionalismo econômico e a política externa independente ensaiada em algumas nações, o aparecimento de núcleos guerrilheiros e a Revolução Cubana.

Ainda segundo Ianni (1976, p. 83-84), para manter a condição de nação hegemônica os Estados Unidos precisam manter a “estabilidade” na América Latina e, para isso, “não se admite a ‘deserção’ de qualquer outra nação, ao modo de Cuba”. A partir do que ocorrera em Cuba, os norte-americanos temem novas revoluções socialistas nos países vizinhos e passam a realizar intervenções militares pontuais, a exemplo da Guatemala, em 1952, da República Dominicana, em 1965, e da Bolívia, em 1967.

Embora no romance não exista a ação direta dos Estados Unidos, e isso parece mais uma opção de direcionamento narrativo do que um significado oculto a ser desvendado, não resta dúvida de que a imaginária República do Sacramento representa a realidade política dos países latino-americanos no século XX, tomando Cuba como referência. Em qualquer análise sobre o tema presente em *O senhor embaixador* não se pode desprezar a posição crítica de Erico Verissimo em relação ao que ocorria no Brasil e nos demais países latino-americanos. Afinal, essa é a primeira incursão ficcional do escritor em questões de política externa. Os romances e contos anteriores se restringem a assuntos “regionais”, do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Segundo entendimento da crítica, o descontentamento com a situação política do país – particularmente o regime de censura e opressão do Estado Novo – teria sido um dos motivos que levaram o escritor a aceitar um convite para trabalhar nos Estados Unidos, entre 1943 e 1946, onde exerce a cátedra de Literatura Brasileira na Universidade de Berkley e, posteriormente, Literatura e História do Brasil no Mills College, de Oakland, ambos na Califórnia. Anos mais tarde, o escritor foi indicado para o cargo de diretor do Departamento de Assuntos Culturais da Organização dos Estados Americanos em 1953, sucedendo a Alceu Amoroso Lima. Verissimo fixou residência em Washington e, durante o exercício da função, percorreu vários países da América Latina, pronunciando palestras e conferências. Nessas ocasiões, ele pode observar de perto o resultado das deposições e golpes que atingiram a maioria dos países da América Latina no século XX<sup>4</sup>.

No romance, fica evidente o tom crítico e satírico que coloca em evidência a fragilidade das relações políticas e sociais interamericanas. As fraquezas da latinidade – projetadas no caudilhismo, na censura, na imaturidade política e na instabilidade do desenvolvimento econômico e social – aparecem esgarçadas na representação de uma revolução armada e violenta, em que uma tirania é implantada para substituir outra.

Quando Juventino Carrera concretiza o seu golpe militar e Miguel Barrios deflagra o levante contra o governo, a ação da narrativa sai dos salões de Washington para as ruas do Sacramento. Conforme as colunas revolucionárias se movimentam em direção às principais cidades da ilha, os personagens da trama começam a assumir uma posição no conflito. Se antes o quadro era apresentado a partir da posição ética dos personagens, com suas ambições e frustrações num ambiente diplomático de falsidade e aparências, nesse momento o foco volta-se para os infortúnios das massas, vítimas de representantes que não hesitam em aderir à violência e à censura para defenderem sua posição ideológica.

---

<sup>4</sup> Levantamento de Barber e Ronning, anotado por Ianni (1976, p. 92), mostra que entre 1930 e 1965 houve um total de 106 substituições ilegais e não programadas de governantes na América Latina, sendo a maioria por golpe militar. Somente em 1962 e 1963, pouco antes da publicação de *O senhor embaixador*, ocorreram oito golpes, deposições ou renúncias. É preciso constar ainda que o romance foi publicado um ano após o golpe militar de 1964 no Brasil.

Pablo Ortega, que, mesmo sendo funcionário da embaixada sempre fora um crítico da ditadura de Carrera, decide juntar-se aos revolucionários e ocupa um cargo de destaque no comando da revolução socialista. O embaixador Gabriel Heliodoro não abandona seu antigo companheiro e retorna à pátria para resistir ao lado do presidente. O jornalista, por sua vez, fica ao lado dos revolucionários e encara o momento como uma oportunidade de fechar o círculo de sua vida profissional, entrevistando, na mesma montanha, o homem que quer derrubar o ditador – aquele que um dia derrotou outro ditador e falou ao mundo por intermédio do mesmo repórter<sup>5</sup>.

O posicionamento do jornalista justifica-se não somente pela amizade com Pablo Ortega ou pelas atrocidades de um governo corrupto e opressivo, mas pela necessidade de corrigir um erro cometido no passado. O norte-americano acredita ser um cúmplice da ditadura de Carrera e precisa livrar-se do sentimento de culpa. Um dos momentos mais significativos dessa fase da narrativa é a entrevista concedida por Miguel Barrios a Godkin. Para ser recebido pelo chefe revolucionário, o jornalista aceita algumas condições, entre elas submeter o texto definitivo à aprovação prévia e entregar a fita logo após fazer a transcrição gráfica. Alguns trechos da entrevista são elucidativos:

Às quatro horas em ponto, Miguel Barrios entrou na sala. Os oficiais presentes ergueram-se, fizeram continência e se retiraram. Vendo aquela figura alta e magra como um Quixote, as barbas longas e negras num acentuado contraste com a amarelidão malsã da testa e dos maldres, Godkin se perguntou a si mesmo por que os caudilhos da América Latina, quando não imitavam Simón Bolívar, procuravam parecer-se com Jesus Cristo.

[...]

— Gen. Barrios, qual o objetivo desta revolução?

— Suponho que se trate duma pergunta retórica, senhor jornalista. Mas vou responder. Nosso objetivo é duma clareza meridiana: deitar por terra o Governo atual e instituir um Governo popular, capaz de promover nesta república a justiça social e o progresso.

— Pretende o Governo Revolucionário seguir o exemplo de Cuba?

— Consideramos os cubanos nossos amigos e aliados, mas seremos independentes tanto de Cuba como de qualquer outra nação do mundo. Buscamos uma verdadeira autodeterminação para a nossa pátria, situação da qual ela jamais gozou.

— Espera então restabelecer a democracia nesta ilha...

[...]

— *Reestabelecer* não é o termo exato, Mr. Godkin. Não se pode reestabelecer o que nunca foi estabelecido.

— Bom, substituindo o verbo, digamos *estabelecer* a democracia...

— Sim, queremos para o Sacramento a democracia de que falava Lincoln: do povo, pelo povo e para o povo. Mas devo advertir à imprensa americana e à do resto do mundo de que não estamos interessados em definições verbais e acadêmicas do termo democracia. Procuraremos principalmente atingir a democracia econômica, sem a qual a social e a política não poderão realmente existir.

[...]

— Qual será a atitude do Governo Revolucionário com relação às companhias americanas? – perguntou o jornalista.

— No devido tempo elas e o mundo saberão – respondeu o Chefe.

---

<sup>5</sup> Essa tomada de posição dos personagens, bem como a circularidade da tirania insinuada em *O senhor embaixador*, se aproxima muito do pensamento de Paz (1976, p. 65-66), quando este aponta que: “A produção em massa se consegue através da confecção de peças soltas que a seguir são reunidas em oficinas especiais. A propaganda e a ação política totalitária, assim como o terror e a repressão, obedecem ao mesmo sistema. A propaganda difunde verdades incompletas, em série e em peças soltas. Mais tarde esses fragmentos se organizam e se convertem em teorias políticas, verdades absolutas para as massas. O terror obedece ao mesmo princípio. A perseguição começa contra grupos isolados - raças, classes, dissidentes, suspeitosos -, até que gradualmente alcança a todos. Ao iniciar-se, uma parte do povo contempla com indiferença o extermínio de outros grupos sociais ou contribui para a sua perseguição, pois os ódios internos são exasperados. Todos se tornam cúmplices e o sentimento de culpa se estende a toda a sociedade. O terror se generaliza: só existem agora perseguidores e perseguidos. O perseguidor, por outro lado, transforma-se muito facilmente em perseguido. Basta um giro da máquina política. E ninguém escapa a esta dialética feroz, nem os próprios dirigentes.”

- O Governo Revolucionário tratará imediatamente da reforma agrária?
- É evidente.
- Em que bases?
- Também não estamos interessados numa definição literária dessa reforma. Procuraremos a que der resultados mais positivos e rápidos para o país. Em suma, faremos o que julgarmos melhor para o povo.
- Pode me dizer o que entende por *povo*?
- [...]
- Considero sua pergunta fútil e jocosa. Não perderei tempo com ela. (VERISSIMO, 1997, p. 319-320).

A observação que o jornalista faz do chefe da revolução, comparando-o a Jesus Cristo, realça de certa forma o estereótipo que cerca os líderes de campanhas semelhantes nas Américas. A imagem de um herói forte, corajoso e idolatrado, disposto a morrer pelo povo, remete diretamente à figura divina e mitológica do salvador<sup>6</sup>. Afora isso, percebe-se, no tom das perguntas da entrevista, que o jornalista vai direto aos temas essenciais para dar voz ao chefe revolucionário – uma espécie de entrevista dirigida para se obter respostas que interessam. Apesar de sua tentativa de testar Barrios com uma questão retórica sobre a definição de “povo”, no restante da interlocução o que fica evidente é o desinteresse do repórter em lançar perguntas que possam embaraçar o entrevistado ou pôr em dúvida a legitimidade dos ideais do movimento. A vitória da revolução, com apoio indireto da imprensa norte-americana, representada pela *Amalgamated Press* e seu enviado especial, completa-se com a fuga de Carrera e a prisão de Heliodoro.

A postura profissional de William B. Godkin na cobertura jornalística da revolução na República do Sacramento não evidencia necessariamente liberdade de imprensa, por sinal uma condição que o escritor sempre defendeu enquanto intelectual<sup>7</sup>. Primeiramente, não pode haver liberdade quando um censor diz o que pode e o que não pode ser publicado. Esse seria o primeiro sinal de que o novo regime repete velhas práticas.

Além disso, é preciso voltar às primeiras páginas do romance para entender a posição do jornalista frente ao conflito, quando ele diz que “quando eu tinha a idade desse moço, orgulhava-me de só noticiar fatos. Hoje, na adolescência da velhice começo a ter minhas dúvidas” e afirma pertencer a um jornalismo em processo de liquidação, “em que os correspondentes escreviam sobre os acontecimentos” (VERISSIMO, 1997, p. 03-04). Se antes Godkin apenas noticiava os fatos, agora ele contribui para direcioná-los à maneira que melhor sirva aos seus interesses pessoais. Essa atitude de engajamento, partindo de um jornalista norte-americano que divulga para todo o mundo as informações de uma revolução socialista numa república latino-americana, tem um significado que não pode ser desprezado numa apreciação ética de *O senhor embaixador*.

Não se pode confundir liberdade com parcialidade, como o narrador deixa claro nos apontamentos do caderno de notas do repórter. Ao fazer algumas observações sobre os acontecimentos no Sacramento, o jornalista revela a sua posição no conflito. Não haveria nada de condenável nisso, desde que sua postura não influenciasse a cobertura dos fatos. Afinal, como bem constata Callado, “[...] a censura não nos priva apenas da liberdade de imprensa:

<sup>6</sup> Interessante a descrição de Pablo Ortega sobre o chefe: “Os camponeses o adoram. O mais notável é que nestes curtos meses de revolução, já se criou toda uma mitologia em torno da figura do Chefe. Entre gente humilde, correm histórias de milagres feitos por Barrios. Conta-se que o simples toque de seus dedos na testa dum doente é o bastante para curá-lo. Uma vez espalhou-se a lenda de que Miguel Barrios tinha sido visto ao mesmo tempo em três lugares muito distantes um do outro: a Serra, Oro Verde e Páramo. O que muito ajuda, Bill, é que, com sua barba negra, ele tem uma semelhança extraordinária com Juan Balsa, o grande santo do martiriológico popular da ilha.” (VERISSIMO, 1997, p. 328).

<sup>7</sup> Bordini comenta que William Godkin seria uma “figura observadora de toda a trama” e que “Erico presta uma homenagem indireta à independência e à busca de objetividade da melhor imprensa norte-americana, que ele admirava” (BORDINI, 2004, p. 216), o que não parece se confirmar.

também pode acabar nos privando das noções de verdade e honestidade” (CALLADO, 2006, p. 34).

Usando quase sempre a primeira pessoa do plural, Godkin coloca-se como um aliado do movimento, assumindo inclusive a função de narrador da ação romanesca. Com este recurso, o autor da ficção direciona os rumos da narrativa para a voz do jornalista, que mescla comentários sobre os eventos com julgamentos pessoais, atuando como uma testemunha ocular dos fatos nos bastidores das atividades revolucionárias. Esses apontamentos enaltecem ainda mais a altivez do chefe revolucionário e reforçam a imagem de uma divindade salvadora.

22 de outubro – *Sou agora persona grata do Supremo Comando Revolucionário. Valencia aprovou o texto de meu colóquio com Barrios sem lhe cortar sequer uma vírgula. A Almapress, para minha surpresa, distribuiu-o também sem mutilações. Tenho já comigo um exemplar do Washington Post em que minha entrevista com Barrios foi publicada na íntegra, em três colunas, e com um retrato do herói. Nela apresento o barbudo líder e uma luz muito favorável, e lanço um apelo às nações da América para que dêem seu apoio moral aos rebeldes. Em suma, faço minha penitência por ter um dia, na medida de minhas possibilidades, contribuído para que Juventino Carrera tomasse o poder.*

23 de outubro – *Boas notícias! A guarnição federal de Puerto Esmeralda revoltou-se inteira, aderindo à causa dos rebeldes. Por ordem do Comando Revolucionário, marchou sobre Los Plátanos, cuja queda está iminente. Preparamo-nos (cá estou eu a usar o plural) para a ofensiva final contra Cerro Hermoso, “para golpear o monstro na cabeça” – como diz Barrios [...]*

25 de outubro – [...] *Faço entrevistas-relâmpago com elementos do povo. Uma velha me assegura que Barrios é Jesus Cristo. Um octogenário me afirma que o Chefe é uma nova encarnação de Juan Balsa, ao lado do qual ele próprio lutou na Sierra entre 1914 e 1915. Mães trazem seus filhos nos braços para que o chefe da revolução imponha as mãos sobre as cabeças dos pequeninos. Miguel Barrios, que jamais sorri, parece compenetrar-se de sua função de profeta. É inegavelmente uma figura impressionante – alta, esguia, os longos cabelos e barbas agitados pela brisa, os olhos postos num horizonte que parece estar mais no tempo que no espaço. [...]*

(VERISSIMO, 1997, p. 332-334 – grifos do autor).

Os momentos de maior tensão do romance são reservados ao julgamento de Gabriel Heliodoro pelos revolucionários. Pablo Ortega se oferece para fazer a defesa do ex-embaixador, mesmo sabendo que não poderá salvar o réu da condenação à morte. A descrição do julgamento, desde os pronunciamentos da defesa e da acusação, até o clima de espetáculo que envolve o teatro da justiça revolucionária, parte mais uma vez da escrita de Godkin. A narração deste trecho do romance se estende por dez páginas, nas quais o repórter deixa de lado a objetividade imparcial que a função jornalística exige e registra também suas próprias emoções. Consciente de que a agência deve cortar (censurar) a maior parte de sua narrativa antes de enviá-la aos jornais, Godkin não se importa com isso, pois “poderia usar todos aqueles elementos num livro em que os redatores de sua agência não teriam o direito de meter o nariz nem o lápis azul mutilador” (VERISSIMO, 1997, p. 376).

Neste ponto, o jornalista dá voz aos argumentos acusativos dos debatedores, que por vezes esquecem o réu e discutem temas como o conceito de justiça, vingança e ideologia dentro de uma revolução. O que acaba sendo julgado é a legitimidade da revolta e a repetição dos erros cometidos pelos governos anteriores. Por isso, a ênfase do discurso fica com Pablo Ortega e a

sensação é de que as palavras repetem o pensamento do próprio autor<sup>8</sup>, quando o personagem diz que “se acharmos que para os alicerces do novo Sacramento que vamos edificar, a melhor argamassa é a carne e o sangue de nossos inimigos, ou daqueles que discordam de nós, estaremos correndo o grave perigo de repetir a triste, trágica balada das ditaduras latino-americanas” (VERISSIMO, 1997, p. 384).

Apesar de o jornalista ter tomado o partido da causa revolucionária, a mensagem que ele transmite em suas anotações, nos diálogos com Ortega e em seus fluxos de consciência, é de que a história se repete. Muito embora ele seja conivente com a violência revolucionária, não há em William B. Godkin sinais de entusiasmo com os feitos da revolução. Ajudando a convencer os outros países sobre a importância na mudança de governo no Sacramento, ele se redime de uma atitude equivocada do passado, mas sabe que pode estar repetindo o erro, uma vez que os atos de censura e opressão devem continuar no novo governo. O discurso do jornalista está carregado de certa relativização da eficácia de posições ideológicas e práticas de liderança, pelo menos no universo latino. Tanto que logo após o julgamento e a condenação de Gabriel Heliodoro, o jornalista retira-se de cena, deixa a ilha e retorna para a segurança de seu país. Ele nem presencia os primeiros atos de vingança do comando revolucionário, nos chamados julgamentos públicos que levam mais de 500 pessoas à morte.

A descrição do fuzilamento do ex-embaixador Heliodoro fica a cargo do cronista político do jornal *Revolución*, o único periódico autorizado a circular na República do Sacramento após a revolução. Segundo o cronista, aquela manhã de 15 de novembro de 1959 constituiria “um espetáculo inesquecível pelo seu sentido simbólico e histórico” (VERISSIMO, 1997, p. 398). De fato, mais de 30 mil pessoas assistem à execução de Heliodoro por um pelotão de fuzilamento. Quem ficou em casa viu pela televisão uma “cobertura dramática e realista da execução” (VERISSIMO, 1997, p. 399).

O controle da imprensa pelo novo regime sinaliza que, não diferente dos governos anteriores, a libertação do povo do Sacramento começa com restrições à liberdade de expressão. Apenas informações aprovadas pelo governo podem ser divulgadas. A censura imposta pelos que não aceitam opiniões divergentes repete uma história já conhecida dos países latino-americanos. A história da República do Sacramento, nesse sentido, sinaliza o ápice de um período de instabilidade política e intensas lutas pelo poder, cujos resultados se manifestam com maior violência nas ditaduras militares dos anos 60 e 70 do séc. XX.

ALVES, M. M. Revolution and censorship: notes of a north-american journalist in the novel *O senhor embaixador*. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 6, n. 1, p. 78-87, 2014.

## Referências

BORDINI, M. G. A materialidade do sentido e o estatuto da obra literária em *O senhor embaixador*, de Erico Verissimo. In: ZILBERMAN, R. *et al.* *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 199-275.

---

<sup>8</sup> “Sou contra as revoluções armadas. Você poderá retrucar que todas as grandes mudanças da história foram feitas com revoluções ou guerras. Ora, entre observar esse fato e aceitá-lo como norma há uma diferença colossal. [...] Só aceito um tipo de violência: é a violência contra a violência. Acho um erro sinistro pensar que, se fuzilarmos no *paredón* alguns milhares de políticos que um tribunal revolucionário apressado e excitado achar culpados das nossas desgraças políticas, econômicas e sociais, esse castigo implicará necessariamente a salvação do povo brasileiro”. (VERISSIMO, 1999, p. 19).

CALLADO, A. *Censura e outros problemas dos escritores latino-americanos*. Trad. Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

FRESNOT, D. *O pensamento político de Erico Verissimo*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

IANNI, O. *Imperialismo e cultura*. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

PAZ, O. *O labirinto da solidão e post-scriptum*. Trad. Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

PESAVENTO, S. J. Encontros e desencontros da ficção com a história. **Zero Hora**, Porto Alegre, 30 abr. 2005. Cultura. p. 05-06.

VERISSIMO, E. *O senhor embaixador*. 21 ed. São Paulo: Editora Globo, 1997.

\_\_\_\_\_. *Solo de clarineta*. 20 ed. São Paulo: Editora Globo, 1995. v. 1.

\_\_\_\_\_. *Solo de clarineta*. 10 ed. São Paulo: Editora Globo, 1997. v. 2.

\_\_\_\_\_. *A liberdade de escrever: entrevistas sobre literatura e política*. Org. Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1999.